



XVI JORNADA ACADÊMICA

Educação, Memória e História: Os desafios
no processo de redemocratização do Brasil

ISSN 2965-0615



TERRA E TERRITÓRIO NA CONSTRUÇÃO DA OPY GUARANI: TEKOÁ JAKUPE AMBA - SÃO GABRIEL/RS 1

Carine Josiéle Wendland¹

EIXO TEMÁTICO 03: INTERCULTURALIDADE, INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO

A presente escrita é um pequeno fragmento de uma investigação que problematiza a ausência de terra na educação. Um pequeno fragmento que narra a força poética e política de um espaço Mbya Guarani nomeado de *Opy* ou para nós jurua - não-indígenas -, casa de ritual.

Para além de um espaço numa comunidade indígena, a *Opy* é o coração da comunidade conforme narra Vherá Poty, cacique da *Tekoá Jakupe Amba* ou Aldeia Morada do Guardiã.

Este momento da investigação acontece como caminhada, uma caminhada extensa de pensar em movimento, mas um também pensar situado nesta Aldeia. Um caminhar com o grupo de pesquisa Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade, Peabiru cuja palavra Guarani são os Caminhos do Sol, sob orientação da professora Ana Luisa Teixeira de Menezes na linha de pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação.

Eu não conhecia a comunidade, mas a partir do chamado para o barreamento da *Opy*, seria lá o meu lugar por alguns dias. Não é permitido habitualmente pelos Mbya Guarani do Rio Grande do Sul que uma pessoa não-indígena entre na *Opy*, menos ainda que participe de um ritual neste espaço. O convite parecia audacioso, ajudar a construir parte essencial da *Opy*: colocar *yvy* -terra- nela.

Portanto, em pesquisa questiona a educabilidade implicada no processo de construção do coração da comunidade e realiza-se sob a perspectiva etnográfica. A etnografia auxilia “en la recuperación del conocimiento local y de la memoria histórica, en la crónica de hechos actuales y en la previsión de caminos posibles de construcción de nuevas prácticas” (ROCKWELL, 2009, p. 37).

Estar situado, portanto, na *Tekoá Jakupe Amba*, mas também pensar em movimento – em fios que constituem a América Latina – e retomam seu sentido original de *Abya Yala*, de terra plena, terra fértil, fez-me acercar de uma memória do corpo, minha e dos Mbya Guarani ao manusear a terra, sensivelmente, mas também potente e resistentemente a comendo no telar tecido da *Opy* que com seus fios pré-prontos de estrutura de taquara e troncos de árvores esperava um moldar subsequente.

Assim, assumir “la etnografía como una manera de comprender mejor sus propios mundos en relación con los otros” (ERICKSON, 1989, p. 21) é uma abertura à interculturalidade,

Meu processo etnográfico e intercultural começou muito antes de chegar na comunidade indígena. Sai às 14

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil – Código de Financiamento 001.

² Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc.

horas em direção a Santa Maria para tomar o ônibus das 18h que estaria indo a São Gabriel, chego já tarde à rodoviária da cidade, passo ao banheiro e penso que todos os táxis já haviam ido, mas não, lá estava um senhor que sem eu nada perguntar pegou minha mala e a colocou no porta-malas. – “Para onde vais?” Eu prontamente: “para a comunidade indígena”. – “Onde?” – “Para a comunidade indígena que está aqui perto, olha, no mapa diz 2,5km”, respondo. – “Ahh”, diz ele, - “nos índio?” Eu, uma vez mais – “nos indígenas”.

–“O que tu é daqueles índio”. Naquele pequeno trajeto, não poucas vezes ouvi a palavra remanescente do equívoco histórico. – “Sou investigadora, mas estou indo lá também para conviver”. – “Mas tu cuida lá, eles invadiram aquilo, tinha até um processo, mas parece que conseguiram negociar pra eles ficarem lá”. – “Mas pensa bem, 500 anos atrás isso tudo era dos indígenas, nós que invadimos”.

Final e felizmente chego à comunidade. O senhor do táxi me deixa ali e ainda reitera para que eu me cuide. Na manhã seguinte, assim como as outras que seguiriam, entrei na roda do chimarrão ao redor do fogo. Naquela manhã estavam Yry que é a companheira de Vherá, Dona Neusa, irmã de Vherá, Afonso, seu companheiro e Diego, seu filho. Eles seguiam falando a língua Guarani, raramente diziam algo em português. Chega o pai de Vherá e Dona Neusa e me pergunta se eu havia vindo para ser João de Barro, processo que logo mais eu entenderia. Mais tarde chega Vherá de uma viagem, se junta à roda e seguem conversando. Pensava eu que era somente naquele momento que mais fariam Guarani e logo algo em português para que eu compreendesse, mas todos os dias que se seguiram assim foram, e ao final, eu não estava ainda entendendo a língua ou o que diziam, mas a melodia da voz e o som das palavras já ecoava em mim.

Todavia, em alguns momentos eu tinha vontade de perguntar. O fogo fazia parte das manhãs e das noites, ao redor dele num outro dia então perguntei, - por que fogo? Por que no calor e no frio, fogo? Eu apenas segui ouvindo o fogo e nenhuma palavra de resposta, então entendi que essa era a resposta. Mencionei logo após o silêncio interrompido por mim que ali naquele dia e horário, já noite, a dança do fogo me dava sono. Vherá então me diz que não é a ideia que ele dê sono, talvez meu corpo esteja em outro ritmo ainda, porque o fogo serve justamente para concentrar, quando falamos com alguém ou ouvimos alguém olhamos para o fogo, não no olho das pessoas. E assim o escutava, olhando para o fogo.

Num outro dia, pela manhã, Vherá me contava, ao redor do fogo, a relação da terra e da água, e dos seres que somos gestados na água do corpo, que é terra, para então chegar a uma aproximação do que tanto almejava ouvir, mas não queria perguntar: sobre a terra na *Opy*. Entendo então que Cachimbo originalmente era feito de cerâmica, ou seja, terra ou barro, não com madeira como é hoje. Então a relação com a terra -que é natural- tem relação com a fumaça, porque o fogo é feito na terra, a lenha é da terra e tratam da conexão espiritual.

Como cheguei antes do evento do barreamento da *Opy*, para o qual esperavam por não-indígenas para a experiência, pude já iniciar com os e as indígenas os processos manuais de mistura da terra, capim e água, receita de Afonso. Ele já havia participado de um processo de construção de uma *Opy* alguns anos atrás em Santa Catarina na aldeia onde vivia. Esta tinha medidas de 4 metros x 6 metros, contava-me, mas cujo barro durou apenas alguns dias pois não sabia do segredo do capim que dá a liga, ou seja, os fios se entrelaçam e quando pressionados na estrutura da casa de reza não caem depois de seco. Por isso estava confiante que esta, que mede 6 metros x 8 metros, funcionaria muito bem.

O chamava de segredo porque a maioria das aldeias não sabia desse detalhe, que aprendeu recentemente. E lá estava eu como João de Barro ou Joana de Barro, conforme Vherá, participando também dos demais processos da comunidade até a chegada dos demais juruás: na limpeza do pátio e dos espaços partilhados, na ida ao supermercado, no preparo da alimentação, nas reuniões, nas brincadeiras das crianças, nos ensaios das músicas, entre outros.

Presenciei que “Canto, danza y oración llegan a ser sinónimos; la oración es un canto danzado, así como la

danza es una oración cantada” (MELIA, 1991, p. 43), que tem lugar no todo da comunidade e assim que finalizada, também terão na Opy, vi também que a prática espiritual é cotidiana. Ademais, o Guarani tem uma prática que é de João de Barro, diziam, além disso um João de Barro construía sua casa de ritual acima da casa de ritual dos Guarani.

Fotografia 01 – João de Barro na construção da casa de ritual



Fonte: Da autora (2024)

Fotografia 02 – Opy em processo



Fonte: Da autora (2024)

Todo aquele momento estava muito bem preparado, o tempo para realizar os últimos preparos da *Opy* era aquele porque estava iniciando o ano novo Guarani, quando é o tempo do plantar. Um ano novo numa aldeia jovem, que quase estava completando um ano. Vherá refletia que assim como se retorna onde já se esteve, no sentido do território, é necessário retornar aos lugares onde paramos de praticar nosso modo de vida, o *nhandereko*, modo de vida Guarani.

Pois, “si el *teko* es lo modo de ser, el sistema, la ley y las costumbres, el *tekoha* es el lugar y el médio donde se dan las condiciones de posibilidad del modo de ser guaraní” (MELIÀ, 1991, p. 64).

Diferente da cidade, a *Opy* não é uma obra com prazo para terminar, não havia pressa para finalizar. A dimensão educativa está assim implicada em todo o processo, nas palavras que acompanham as mãos, nas brincadeiras partilhadas, nas risadas – não havia uma pessoa triste ou séria trabalhando.

Como considerações finais, ficam as ações consideradas do processo que chama a um retornar, a um retorno do nosso modo de vida esquecido, de uma educação que não tem mais essência, de uma terra que educa.

Meu processo meio etnógrafo, meio cozinheira ou meio parte da comunidade começou ali, nos entremeios. Conversando com Vherá, Yry, Dona Neusa, Afonso e logo mais com os jovens da comunidade, suas companheiras e as crianças.

“A gente não tá morto pra ser pesquisa”, dizia Vherá no último dia que estive na aldeia. “Nós não precisamos de pesquisadores, nós precisamos de amigos”. Ao final, quando ainda não queria ir, mas precisava porque tinha um compromisso no mundo dos brancos, disse a Vherá, “me desculpe Vherá, mas eu vim como pesquisadora. Mas sabe o que eu menos fiz? Pesquisa. Eu vivi isso aqui de fato, avet’e!” Saí e do lado de fora ainda me despedi de Yry e Dona Neusa, com água nos olhos, nos meus e de Dona Neusa, fui, já querendo voltar.

No meu período de estudos sobre o campo etnográfico, descobri que é necessário estar implicado, estar ali realmente, mas que quando começamos a nos sentir parte precisamos nos distanciar. A mim causou surpresa como em tão poucos dias me senti tão parte.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalidade; Educação; Opy; Guarani.

REFERÊNCIAS

ERICKSON, Frederick. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. En: Merlin C. Wittrock (org). *La investigación de la enseñanza*, II. Métodos cualitativos y de observación, Barcelona, Paidós, capítulo IV, pp. 195-301. 1989.

MELIÀ, Bartolomeu. *El guarani: experiencia religiosa*. Asunción - Paraguay: CEADUC – Centro de Estudios Antropológicos, 1991.

ROCKWELL, Elsie. La relevancia de la etnografía. In: *La experiencia etnográfica*. Historia y cultura en los procesos educativos. Buenos Aires, Paidós, 17-39, 2009.